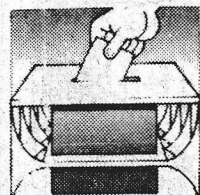


Herdeiros de Tancredo pagam a conta

Vitoriosos no Colégio Eleitoral, Sarney, Ulysses, e Aureliano empacam na primeira eleição direta

ROBSON BARENHO



BRASÍLIA — O presidente José Sarney ainda insiste em satisfazer uma ambição que se revela imensa hoje e, salvo em momentos de depressão, inabalável: entrar para a História como um grande estadista. Independentemente de quem escrever a História, no entanto, haverá pelo menos um capítulo sobre o governo a registrar notável fracasso. Será o que tratar das relações do presidente com os partidos e os políticos que chegaram com ele ao poder em 1985. "Eles não me perdoam por ter passado por cima do cadáver de Tancredo Neves", costuma repetir Sarney.

Não é difícil saber quem são "eles". Pouco mais de quatro anos depois de assumir o governo, Sarney não tem mais relações com o deputado Ulysses Guimarães e a maioria do PMDB está em campanha eleitoral contra ele. O senador Marco Maciel tornou-se líder de uma parcela do PFL formada para se opor ao governo e o candidato do partido à sucessão, Aureliano Chaves, mais ataca do que defende a administração Sarney.

Em agosto de 1984, Ulysses, Maciel, Aureliano — e mais Tancredo Neves — subscreveram um documento chamado "Compromisso com a Nação", que formalizava a Aliança Democrática. Representavam o PMDB e uma parcela dissidente do PDS — a Frente Liberal — e somavam votos para eleger Tancredo Neves no Colégio Eleitoral e instituir no País a "Nova República".

Tancredo morreu, o Colégio acabou. Agora, às vésperas das eleições diretas os antigos aliados se enfrentam, desprezam o

presidente e não entusiasmam os eleitores. Sarney também despreza a todos.

Poeta imortalizado na Academia Brasileira de Letras, o presidente assiste à vida imitar a arte. Como na "Quadrilha" de Carlos Drummond de Andrade, personagens que se amavam — embora não tanto — têm um final trágico, à exceção de "J. Pinto Fernandes", que não estava na história. Na realidade, o eleitorado despreza Sarney, que despreza Ulysses, que despreza Aureliano, que despreza o PMDB, que despreza o PFL, que é desprezado pelo eleitorado, que despreza o PMDB. Como no poema do Drummond, há um personagem — o eleitor — que não ama ninguém desse grupo.

Foi durante as eleições estaduais de 1986, especialmente, que o PFL se descobriu desamado por Sarney e adversário do PMDB. E foi a partir do início de 1988 que o PDMB ou a maioria do partido se sentiu ao desamparo e, mais ainda, em conflito com o governo. Sarney e Ulysses perceberam naquela época que não tinham sobre o que conversar.

"O Ulysses vem aqui, fica com aqueles olhos azuis olhando o infinito, vai embora e tudo fica como está", chegou a reclamar Sarney. "Não adianta. O Sarney combina uma coisa comigo e faz outra", queixava-se Ulysses. O último encontro dos dois, protocolar, ocorreu em 3 de fevereiro deste ano, na Base Aérea de Brasília.

Sarney não está com nenhum candidato e nenhum candidato reclama o apoio de Sarney. Ao contrário.

"Como diz a Bíblia, cada dia tem a sua agonia", afirmou o presidente sexta-feira, ao encerrar a "Conversa ao Pé do Rádio". Religiosos consultados não conseguiram achar na Bíblia a expressão, mas admitiram que é adequada ao governo.



Reginaldo Manente/AE-15/01/85

Sarney, Tancredo, Ulysses e Aureliano: os avalistas da Aliança Democrática ganham a primeira eleição, a última indireta